

Risco-país cai 1,81%, bate 706 pontos e Brasil melhora no ranking mundial

Indicador chega a registrar 695 pontos e C-Bond bate novo recorde: 91,13%

Patricia Eloy

• O risco-Brasil, que mede a desconfiança dos investidores estrangeiros na capacidade de o país honrar seus pagamentos, atingiu ontem 706 pontos centesimais, após uma queda de 1,81%. Esse é o menor patamar desde 20 de março do ano passado. Assim, o Brasil perdeu um posto no ranking dos emergentes com a maior taxa de risco do mundo. Ficou na sexta posição, abaixo da

Turquia (710 pontos).

O resultado não lembra nem de longe o pior momento do ano passado, quando o indicador chegou a bater 2.445 pontos, no auge da crise cambial. Calculado com base na cotação dos títulos da dívida externa brasileira, o risco chegou ontem a registrar 695 pontos na mínima do dia.

— O risco-Brasil caiu muito, mas ainda está em um patamar elevado, apesar da melhora dos fundamentos macroeco-

nômicos brasileiros — diz Alexandre Horstmann, sócio da Fides Asset Management.

Ontem, o C-Bond, papel mais negociado da dívida externa brasileira no mercado internacional e o principal título entre os emergentes, teve ligeira valorização (+0,04%), o suficiente para bater um novo recorde histórico: 91,13% do valor de face (US\$ 0,91).

— Quem não achar isso bom (a queda do risco-país), não sei o que quer para o Brasil —

afirmou ontem o ministro da Fazenda, Antonio Palocci, ao ser perguntado sobre as críticas da economista Maria da Conceição Tavares à política econômica.

— Jamais vou me embasar com números. Estamos otimistas com a economia brasileira, mas nunca eufóricos. Estamos serenos com esses números, mas não podemos deixar de estar otimistas com o Brasil — completou Palocci. ■